

ÍNDICE

Breves palavras sobre a obra <i>Skakespeare – A Esfinge do Amor</i> de Delmar Domingos de Carvalho	9
<i>Eduardo Aroso</i>	
Notas Preliminares	II
CAPÍTULO I	
A Vida.....	15
CAPÍTULO II	
Londres-Stratford-Londres-Stratford	35
CAPÍTULO III	
A Obra.....	53
CAPÍTULO IV	
Shakespeare, no Tempo e no Espaço.....	73
Adenda.....	87
Bibliografia.....	91
Biobibliografia.....	97

CAPÍTULO III

A OBRA

*“Se Você se sente sozinho,
é porque levantou muros,
em vez de pontes”*

SHAKESPEARE

Este pensamento revela, não só a sua mentalidade cheia de luz e de amor, como um profundo conhecimento do interior do ser humano e os meios como se podem libertar as nossas potencialidades latentes divinas.

Está muito actual.

De modo sucinto lembramos as obras deste “varão ilustre”. Na Comédia: Tudo está bem quando acaba bem; a Comédia dos Enganos; Címbelino; Trabalhos Perdidos de Amor; Medida por Medida; As Alegres Comadres de Windsor; O Mercador de Veneza; Sonho de uma Noite de Verão; Péricles; A Fera Amansada; A Tempestade; Os dois Fidalgos de Verona; Conto de Inverno. Na Tragédia: António e Cleópatra; Coriolano; Hamlet; Júlio César; Rei Lear; Macbeth; Otelo; Romeu e Julieta; Timon de Atenas; Tito Andró尼co. Na História: Henrique IV (duas partes); Henrique V; Henrique VI (três partes); Henrique VIII; Vida e Morte do Rei João; Ricardo II e Ricardo III. Na Lírica: Sonecos, 154; Vénus e Adónis; A Violação de Lucrécia; Queixumes de uma Amante e o Peregrino Apaixonado.

Tal como Paracelso, Shakespeare era um profundo investigador do texto bíblico. Com mente livre e consciente que esta maravilhosa



obra tem erros de tradução, como está cheia de mitos, de parábo-las, de símbolos, de cabala, avançou, descobrindo pérolas entre textos algo misteriosos.

Vamos começar pela sua tragédia, Hamlet, baseada numa lenda nórdica, em que o dramaturgo a trabalha, magistralmente, de tal modo que, embora com algumas críticas tudo ultrapassa, sendo analisada pela psicologia, pela psiquiatria, pela história, pela mitologia, pela filosofia, etc. e onde até podemos ver ensinamentos da cabala judaica e cristã...

Ele é autor da célebre frase, cheia de profunda filosofia hermética: *Ser ou Não Ser, Eis a Questão.*

Esta obra veio ao lume no final do reinado da Rainha Isabel I, mulher muito culta e de mentalidade aberta. Nesse período, havia em Londres e em Bristol comunidades judaicas e marranas. Com o rei Jaime I, em 1609, foram expulsas.

No Acto I, Cena II, Hamlet e após afirmar que “a Dinamarca era uma prisão”, exclama: “Ó Deus, eu poderia morar preso numa casca de noz e ao mesmo tempo considerar-me como um rei do espaço infinito, se não fosse possuído por maus sonhos.” Ou seja a má imaginação, ligada à mente subconsciente, não lhe permite a libertação, ser generoso.

Sabemos que Shakespeare seguia a Bíblia de Genebra, algo diferente da que seria imposta pela versão do rei D. Jaime I.

Seja como for, em *Cântico dos Cânticos*, poema atribuído ao sábio Rei Salomão, uma obra plena de alegorias e metáforas, que os cabalistas judaicos, como alguns cristãos, procuraram e procuram desvendar as pérolas nelas encerradas.

No Cântico VI, versículo 11, na voz da Esposa, lemos: “Eu desci ao Jardim das Nogueiras, para analisar os frutos dos vales, para ver se a videira já estava florindo e para observar se as romázeiras estavam florescendo. Quando dei por mim estava sentada nos carros de Aminadabe”, ou seja no seu nobre povo, versão do rei D. Jaime.

Esta personagem bíblica surge em Génesis, como em Éxodo. No hebraico quer dizer: “meu povo é generoso”. Era filho de Arão, ou Amram, exilados no Antigo Egito, onde eram tratados como escravos, chicoteados, presos, por vezes até à morte. Amram casou com Jacobed que teve dois filhos e uma filha; Aarão e Moisés, ambos tiveram uma



elevada função de libertação do seu povo da escravidão, incluindo usando a famosa vara da Aarão.

Aarão casou com Elicheba, filha de Aminadabe; tiveram quatro filhos.

Esta genealogia é muito complexa, variando nos textos, com nomes nem sempre totalmente iguais.

Perguntarão? Mas porquê tanta passagem bíblica? O que tem Shakespeare e Hamlet a ver com a Bíblia?

Antes da resposta, lembremos que a célebre obra *O Universo numa Casca de Noz*, do astrofísico inglês Stephen Hawking, doutorado pela Universidade de Cambridge, usou este nome, baseando-se nesta passagem do texto shakespeariano.

Este cientista explica nessa sua obra, de modo simples e com clareza os mistérios do Universo.

Por isso, alerta que devemos sair da “casca de noz”, ou seja urge libertarmo-nos da nossa cadeia, e sonhar com o Infinito, voar a novas áreas de Luz sem limites alguns.

Vencer os preconceitos, os dogmas, as convenções é o caminho da libertação da nossa casca de noz e nela está a Luz do fósforo que este fruto tem em abundância, cuja forma é a do nosso cérebro. A Luz expressa Amor, *Generosidade, Bondade*.

Face ao exposto, a resposta é clara e vemos uma perfeita união entre este texto bíblico e a obra do dramaturgo, desejoso de que cada pessoa se liberte das suas grades e voe, sonhando e investigando, servindo com amor. O limite dos nossos pensamentos é o infinito.

Como defende Shakespeare na sua obra *A Tempestade*, *cada um de nós é a matéria (no sentido panizoísta, não panteísta) de que são fabricados os sonhos*.

Por outro lado, a misteriosa Vara de Aarão é o símbolo da grande transmutação interna, fruto de serviço amoroso e puro, tal como sucedeu com Moisés, que, embora tenha crescido na corte do Faraó, como um príncipe e estando para desposar uma princesa egípcia, mantendo a sua pureza, recebendo os 10 Mandamentos, as Leis Divinas e iniciar uma nova Era, a Ariana, acabando com o culto ao Touro. Também ele enfrentou o Faraó, com a sua vara e a transformou em serpente, símbolo da nossa coluna vertebral que faz ligação entre o cérebro e a área do sexo, sagrada.



Vemos, assim que as obras do dramaturgo são intemporais, embora escritas nos séculos XVI e XVII, algumas baseadas em temáticas muito antigas, projectam-se no tempo e no espaço até à Idade do Aquário, que começará no século XXVII, mil anos depois!

Embora Shakespeare fosse um profundo conhecedor da astrosofia, contudo, em Hamlet opina que não há influxo maléfico algum dos planetas e sobre as feiticeiras afirma que os seus feitiços não têm valor algum.

Plenamente de acordo.

É tempo de acabarmos com feitiços, bruxedos, mediunidades, etc.

Quanto às influências astrais tem toda a razão pois mesmo que sejam de fricção, de provas dolorosas, tudo isso serve para vencermos as lições que encerram e subirmos na espiral evolutiva e melhor ainda pela via directa da vara de Caduceu.

Finalmente, apenas recordo as suas sábias palavras quando afirma que o ser humano é semelhante a um anjo e que dentro de si encerra o seu Ego que é semelhante a Deus. S. Paulo diz que cada pessoa é um deus. Vós sois deuses e o corpo físico é o Seu templo logo deve ser totalmente respeitado e tratado.

Mais uma vez o autor demonstra, subtilmente, os seus conhecimentos bíblicos.

No “Rei Lear”, da Grã-Bretanha, Shakespeare baseia o seu argumento numa história antiga sobre este monarca. O enredo é muito trágico que prende até ao final. Nele há de tudo um pouco desde lutas pelo poder até mortes monstruosas.

Como somente vamos referir passagens que, em nossa humilde opinião, têm valor específico, acaba por ser diferente de outras biografias. Esta dinâmica será seguida em todos os trabalhos que inserimos.

Deste modo, no Acto 1, Cena I, o Rei Lear defende: “Do nada apenas pode resultar nada”. Por outras palavras, do nada, nada vem.

Por isso, a teoria de que o Universo veio do nada, está errada.

Mais à frente, o Rei Lear crê que os globos celestes influenciam a nossa vida e o momento da morte. Avançando, mais dados sobre a astrologia: o Conde de Gloucester diz que os eclipses do Sol e da Lua, que sucederam há poucos dias, podem gerar funestos efeitos. Porém o bastardo do Conde defende adiante que é erro profundo estar a tirar as

